



Ricardo Montedo

Esta época é diferente mesmo, não lhe parece? Um misto de melancolia e paz toma de assalto à humanidade...

Fazemos coisas, praticamos atos, temos pensamentos tão distintos daqueles que nos são corriqueiros... Parecemos, mesmo, outras pessoas... Olhamos nossos irmãos com afeto, vemo-los, realmente, como seres humanos, como companheiros de jornada. Abrandamos nosso coração, repensamos nossos atos, agimos com mais serenidade e moderação.

O amor, esta pérola divina, nos acalenta, por um fugaz instante, o coração. A humanidade parece despertar para seu destino superior.

Virado o ano, vira-se, também, a página. Voltamos todos a mesma postura de frieza e indiferença. Revestem-se os homens, novamente, da carapaça da hipocrisia, da falta de afeto, do ódio, do orgulho e da vaidade.

POR QUÊ? Porque nosso estágio evolutivo não nos permite vislumbrar a ventura de sermos bons, todo o tempo. Não temos, ainda, a capacidade de compreen-

der que, ao praticar um ato de caridade desinteressada, estamos beneficiando muito mais a nós mesmos, do que ao nosso próximo. Não conseguimos alcançar, na plenitude, o significado da palavra amor.

Porém, o espírito natalino, que nos arrebatava nesta época, fornece-nos dele uma pequena amostra. A nós, cabe beber desse cálice até a última gota. Sorver, com sofreguidão, as maravilhosas vibrações que nos chegam de todos os lados. E que esta bebida divina sirva-nos de combustível para o novo ano. Que ela permita que nos renovemos, que repensemos, seriamente, nossa existência.

No instante em que assim o fizermos, estaremos, cada um de nós, acendendo uma pequenina chama nessa escuridão imensa, em meio a qual caminha a humanidade. De clarão em clarão, de fagulha em fagulha, veremos surgir, então, no seio da raça humana, uma luz intensa, colossal, magnífica, divina. Nesse instante, o coração dos homens estará abarrotado de amor.

Que assim seja!

FELIZ NATAL!

Referência: <http://www.cvdee.org.br/>

ALTERIDADE

Não vamos confundir alteridade com austeridade. Alteridade significa algo que é severo, rigoroso. Na economia, significa ter um maior rigor no controle de gastos. Escutamos muito essa palavra nos noticiários econômicos atuais.

Os latinos tinham uma expressão principal para “Eu” e duas para “Não Eu”. “Eu” era EGO e “Não Eu” era ALTER: o outro e ALLOS: o estranho.

Essa definição ainda faz muito sentido quando às vezes fica tão difícil olhar o outro como um parceiro e o colocamos como um inimigo ou um adversário.

Onde a evolução social perdeu o foco nos últimos anos a ponto de olharmos o outro como o nosso inimigo? Quando começamos a transformar uma vida pacífica numa vida de guerra contínua? Quando ficamos de fato complacentes em relação às violências do dia a dia e fomos deixando que elas crescessem a ponto de fazer da outra pessoa aquele que eu quero que desapareça da minha frente? Isto é, desapareça da fila do restaurante, do trânsito, do trabalho, da disputa de uma vaga no shopping, da escola, de nossa casa...

Muitos pensam assim: “Nessa vida ou olhamos o outro como inimigos ou seremos derrotados”. Essa visão tem uma postura num primeiro momento defensiva. Claro ninguém quer ser ingênuo e dizer que a pessoa não deva se defender, mas devemos ter um pensamento de que o outro não é aquele que nos aniquila.

O maior perigo é nos acos-

tarmos e nos acomodarmos no seguinte discurso: “O mundo é um inferno e a vida é assim mesmo”. É um pensamento derrotista que liga o inferno à falta de esperança. Em “A Divina Comédia”, poema de Dante Alighieri, escrito no início do século XIV, tem uma passagem em que o personagem principal lê a seguinte frase na porta do Inferno: “Deixai fora toda esperança vós que entrais”. Não devemos perder a esperança.

Hoje, nessa vida estressante e violenta em que vivemos, perdemos a visão de alteridade. Mas o que é a visão de alteridade? É a visão de olhar o outro como ele é, não como o estranho e muito menos como o inimigo.

Alteridade significa: Alguém colocar-se no lugar do outro numa relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e disposição para dialogar com o outro. Significa também respeitar o outro nas diferenças, não oprimi-lo pelo julgamento desnecessário, compreendendo-o em suas necessidades, respeitando seus pontos de vistas, conectando-se a relacionamentos tanto entre indivíduos como entre grupos culturais, religiosos, científicos, étnicos. Somos todos iguais.

Alteridade é o estabelecimento de uma relação de paz com esses diferentes, é a capacidade de conviver bem com a diferença da qual o outro é portador. Vale lembrar que ele é diferente para nós e para aqueles que pensam como nós, mas também ele faz parte de um grupo com seus iguais e aí nós passamos a ser os outros, os es-

tranhos. É apenas uma inversão de pontos de vistas.

Alteridade ainda é a construção da fraternidade apesar das divergências, estabelecendo a solução dos conflitos sem confrontos. É antes de tudo respeito e aceitação com amorosidade.

Acreditávamos que era a atitude do outro a responsável pela eventual dificuldade no relacionamento interpessoal. A questão nunca é como convivemos com o outro, mas, como convivemos com o que sentimos e o que pensamos em relação ao outro. Veja só: O que eu penso e o que eu sinto é o que determina meu bom ou mal relacionamento interpessoal. Depende só de nós, pois se eu não tenho capacidade para mudar o outro, tenho plena capacidade para mudar minha forma de pensar e de agir. Esse é o lado positivo da questão, mudar nossos pensamentos e ações evitando os conflitos.

Há ambientes altamente conflitantes em que parte das pessoas convive muito mal, mas parte convive bem. E qual é o segredo? É que aquela pessoa que convive bem, tem bons pensamentos e bons sentimentos. É o que poderíamos chamar de “pessoa humana”. Aquela que sabe aceitar as pessoas como são, mesmo discordando delas. Isso é ALTERIDADE.

Quando passamos a aceitar as pessoas como elas são, fica mais fácil enxergar qualidades que antes não víamos. Quando não nos relacionamos bem com uma pessoa, damos ênfase às suas características negati-

vas. Mas, se mudarmos para melhor nossos pensamentos e sentimentos, teremos interesse em melhor conhecer essa pessoa e enxergar suas qualidades. Passamos a não ter mais medo dos diferentes.

Seguindo esse exemplo, uma das formas de exercitarmos a alteridade é: conhecermos a diferença, compreendermos a diferença e aprendermos com a diferença.

Se quisermos ser felizes e seremos, teremos que aprender a conviver com os diferentes. É preciso que saibamos que a riqueza da humanidade está na diversidade de opiniões e crenças. Assim a nossa sociedade terrena aos poucos vai quebrando padrões praticados por muitos anos. Aceitaremos, entenderemos e respeitaremos a todos: muçulmanos, evangélicos, cristãos, espíritas, umbandistas, gays, heteros, comunistas, socialistas, capitalistas, corintianos, palmeirenses, são paulinos, petistas; peessedebistas, argentinos, paraguaios, bolivianos... não importa quem seja.

Depois de muito sofrer estamos descobrindo que sempre convivemos com pessoas diferentes. Assim foi há milênios, há séculos, há 50 anos, assim é hoje, será amanhã e para sempre.

Vamos fazer o exercício de olhar mais o outro como um irmão, como um igual. ■

Referências:

Projeto Transformação Moral – Semana da Alteridade - Alteridade e Reforço Positivo - Alkindar de Oliveira e também de uma entrevista com o filósofo Mário Sérgio Cortella - Visão de Alteridade Visão do Outro - <https://www.youtube.com/watch?v=dLjuljUX0g>

O VALOR DA COOPERAÇÃO

Cláudio Bueno da Silva

O homem é um ser social, gregário por natureza. Chamado a viver em sociedade, tira ele daí os elementos de progresso que o farão avançar em inteligência e moralidade.

Salvo a situação egoísta daqueles que optam por isolar-se do mundo, a imensa maioria dos homens procura adaptar-se ao meio em que vive, progredindo e fazendo progredir os seus pares, na troca de valores ininterrupta que a convivência proporciona.

A interdependência entre os seres é uma lei divina (Lei de sociedade). Nenhuma pessoa é auto-suficiente a ponto de dispensar o concurso direto ou indireto de outra.

Na vida prática em sociedade não se realiza nada sozinho; um depende sempre da cooperação do outro. Onde quer que atue ou o que quer que faça durante a vida, o homem se beneficia do trabalho material ou intelectual já realizado por outrem. Isso evidencia uma rede formidável e inalterável de cooperação entre as pessoas. Esta cooperação pode ser automática, com a qual não se tem participação direta, como por exemplo, o pão que se come no café da manhã, a roupa que se veste para sair, o carro, o livro, a ferramenta que se usa, enfim, uma infinidade de coisas que nos chegam às mãos e à vida para nossa utilização, sem que se pense, por conta do automatismo, nos processos imensuráveis de cooperação tácita entre os homens.

A cooperação entre as pessoas pode ser também consciente, derivada de uma de-



cisão da vontade para atingir determinados objetivos: o filho que arruma o seu quarto antes de ir para a escola; o marido que faz as compras no supermercado; a esposa e mãe que passa a roupa da casa; são ações cooperativas que visam a harmonia e o bem estar em família. Assim também entre os funcionários de uma empresa, onde a cooperação de todos é vital para que se atinjam metas e resultados, bem como em qualquer agrupamento humano.

No caso específico dos espíritas e seu movimento, a cooperação tem valor inestimável, pois o seu trabalho é todo realizado em regime de voluntariado, de gratuidade, pautado no sentimento de caridade e amor ao próximo.

O contato das pessoas com o Espiritismo é geralmente feito no centro espírita. Beneficiadas ali de algum modo, e conscientizadas da nova realidade da vida, surge nelas a

motivação para colaborar. No entanto, passado algum tempo, maior ou menor, muitas desistem e abandonam o seu posto. Mas, para aquelas que ficam e se integram no trabalho estão reservadas gratas satisfações. O fato de terem compreendido a importância da cooperação, fazem-nas produzir com amor e responsabilidade, às vezes, até mais do que o esperado, em benefício de todos.

É como se se espelhassem na sublime lição de cooperação dada por Jesus que, mesmo sábio e capaz, escolheu doze apóstolos para auxiliá-lo. Embora com personalidades diferentes, todos eles se predispuseram a trabalhar na divulgação do evangelho do Mestre.

Assumindo tarefas consideradas simples ou complexas, o trabalhador do centro espírita sente prazer no que faz e reconhece a importância da sua participação no resultado co-

letivo. Para ele, servir na casa espírita não é uma obrigação, mas uma satisfação pessoal, uma fonte de gratificação moral. Enquanto trabalha, desenvolve e aprimora habilidades convivendo com a diversidade de caracteres que compõem o quadro de colaboradores e frequentadores e com as inúmeras situações de aprendizado que o centro espírita proporciona.

Para ele, atuar na casa espírita é associar-se aos agentes cooperadores das mudanças que o Espiritismo deve promover na sociedade.

Portanto, se você se tornou espírita porque procurava um sentido para a sua vida e descobriu que esse sentido é progredir espiritualmente; se você se tornou espírita porque desejava encontrar um motivo para viver e percebeu que esse motivo é ser útil ao próximo; então, o centro espírita é o lugar ideal para você realizar-se pessoalmente. ■

O Grupo de Teatro Leon Denis apresentou a peça teatral “Uma Paixão de Salão” nos dias 3 e 4 de Outubro no Espaço Grande Otello. A peça é uma comédia de autoria de Denisard Hypolite Léon Rivail (1804-1869) e Léonard Joseph Urbin Napoléon Gallois (1815-1874), que assinaram a



Os Atores Jovenal Pereira, Gi Vieira, Ana Maria e Elizeu Justo

obra com seus nomes abreviados, H Rivail e N. Gallois. A história se passa na França, em 1843, quando o conquistador Felicien cai de amores pela figura de uma bela mulher num quadro exposto no salão de uma exposição. Sem que a visse

pessoalmente, a Felicien é levado a acreditar que se trata de uma senhorita com o nome de Eugene Demontry, porém ela é uma senhora deselegante, louca para sair da solteirice e sem a beleza e juventude da moça retratada. ■

Realizado pela USE Osasco, aconteceu no IEOB em 24 de Outubro a 1ª parte do seminário “Ciência, Filosofia e a Moral Segundo Allan Kardec” com Cosme Massi, conhecido por ser um grande estudioso da ciência e filosofia espíritas e idealizador do IPEAK / Instituto de Pesquisas Espíritas Allan Kardec. A segunda parte, 25 de outubro, aconteceu no Centro Espírita Seara de Jesus. ■



INTOLERÂNCIA: NÃO EMBARQUE NESSA ONDA!

Por que somos tão intolerantes? Por que sentimos tanto prazer em comentar o lado desagradável de pessoas e situações? Por que enxergamos tão bem o cisco no olho do nosso vizinho e não enxergamos a trave no nosso? Por que exigimos perfeição dos que nos rodeiam e somos complacentes com nossos abusos?

Sentiu dificuldade em responder a essas questões? Não se impressione! Isso não acontece somente com você! E sabe por que ainda somos assim? Porque ainda predomina em nós o orgulho, que nos leva a dissimular nossos próprios defeitos! E a vaidade, que os disfarça de mil modos!

Estamos vivendo um momento delicadíssimo no que diz respeito a intolerância. Mas quando tratamos desse assunto, não estamos nos referindo apenas a intolerância social, política, religiosa, entre povos e nações. Estamos falando da intolerância que sai de nós mesmos em direção aos nosso semelhante, ao nosso próximo mais próximo, em todo e qualquer momento, seja onde for que estejamos.

Allan Kardec, que atuou como professor dos 19 aos 50 anos de idade, tinha uma preocupação enorme com as atitudes dos pais e educadores, das pessoas em geral, em relação aos jovens e crianças. Dizia ele

que, uma palavra mal colocada por causa de um gesto de intolerância poderia por a perder todo o processo de regeneração de um ser.

No sermão da montanha, Jesus encorajou, enfaticamente, os mansos e pacíficos, isto é, os cultivadores da serenidade e da paciência; encorajou igualmente os pacificadores, ou seja, aqueles que promovem a paz. Encorajou-os para que continuassem com aquela postura, para que não desanimassem diante da dureza do coração humano e das dificuldades da vida, pois se assim fizessem, sairiam vitoriosos, dignos de merecerem o “Reino dos Céus”.

Paciência significa “paz em

nós”. Se não conseguimos cultivar e promover essa paz em nós mesmos, dificilmente a aplicaremos em relação aos outros.

Estamos vivendo uma onda de intolerância, em todos os setores da atividade humana: no lar, no ambiente de trabalho, no trânsito, nas filas de bancos e supermercados, no meio social...

Não embarque nessa onda! Se a situação estiver extremamente complexa e perturbadora, ao invés de se render a qualquer gesto de intolerância, ligue o alerta:

S.O.S. = Silêncio. Oração. Serviço. ■

Referência: GrupoEspíritaAllanKardec <http://geak2002.blogspot.com.br/>

Atividades NO OBREIROS

ATENDIMENTO FRATERO (Entrevista)

Quarta 14h. e 20h. (Aconselhável chegar com 2 horas de antecedência)

BAZAR

Segunda e Quarta das 13h às 16h.

ESTUDO DA DOCTRINA (*)

Segunda 14h e 20h. Sábado 17h.

BIBLIOTECA CIRCULANTE

Segunda 13h30 às 13h50 e 19h30 às 20h. (*)

Quarta e Sexta 13h30m às 15h e 19h30 às 21h.

Sábado 16h30 às 16h50. (*)

Domingo 8h30 às 10h.

(*) Exceto nos meses de Janeiro, Julho e Dezembro.

EXPOSIÇÃO DOCTRINÁRIA E PASSE

Segunda 14h. Quarta e Sexta 14h. e 20h. Domingo 9h

INFÂNCIA ESPÍRITA

(*) Sábado das 15h às 16h30

JUVENTUDE ESPÍRITA

Sábado 15 às 16h30 (*)

GEA

Grupo de Estudos Aplicados

(*) Sábado das 15h às 16h30.

LIVRARIA

Segunda 13h30 às 15h e 19h30 às 20h. (*)

Quarta e Sexta 13h30 às 15h e 19h:30 às 21h.

Sábado 16h30 às 17h (*) Domingo 9h às 11h.

PLANTÃO DE ATENDIMENTO

(Palestra e passe)

Terça e Quinta 14h e 20h.

SAPSE

Serv. Assist. Promoção Social Espírita:

Quarta-feira 18h

ARTESANATO

Segunda-feira das 11h às 16h e sexta-

feira 14h30. às 16h30